

UMA LEITURA FILOSÓFICA DA CULTURA A PARTIR DO PENSAMENTO DE H. C. LIMA VAZ

A Philosophical reading of culture from the perspective of H. C. Lima Vaz's thought

Elton Valdivino Ribeiro
FAJE

Resumo: A sociedade contemporânea tem como característica a imensa e diversificada variedade de culturas. Neste contexto a filosofia encontra um desafio profundo, a saber, buscar os invariantes conceituais que possibilitam interpretar a unidade no conceito. Neste artigo, abordaremos a problemática da interpretação filosófica da cultura numa tentativa de elucidar, filosoficamente, os invariantes conceituais presentes em todas as culturas, propriamente investigando o conceito de cultura na interpretação do jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz, S.I.. Primeiramente, perguntando pelas características filosóficas da cultura e sua composição em pluriversos culturais. Depois caminhando em direção a um questionamento sobre a ontologia, o lugar da filosofia e a constituição do *ethos*. Para finalmente apontar caminhos, que se configuram como desafios, a toda interpretação filosófica das culturas.

Palavras-chave: Cultura, filosofia, *ethos*, Lima Vaz.

Abstract: Contemporary society is characterized by the immense and diverse range of cultures. In this context the philosophy has a profound challenge, namely to seek conceptual invariants that allow the unit to interpret the concept. We will discuss the problem of philosophical interpretation of culture in an attempt to elucidate philosophically conceptual invariants present in all cultures, specifically investigating the concept of culture on the interpretation of the H. C. de Lima Vaz. First, by asking characteristics philosophical culture and its composition in cultural pluriversos. After walking towards a questioning of the ontology, the place of philosophy and ethos of the constitution. To finally pointing paths that constitute challenges to the entire philosophical interpretation of cultures.

Key words: Culture, philosophy, ethos, Lima Vaz.

1. Introdução

A sociedade contemporânea tem como característica preponderante a consciência da imensa e diversificada variedade de culturas (GEERTZ, 1975). As

culturas, cada vez mais valorizadas e estudadas, se caracterizam pela pluralidade de mundos da vida, pela diversidade de situações existências e pela iniludível convivência de concepções de vida diferentes, e por vezes, conflitantes entre si. Numa situação tão plural, é fácil compreender as várias tentativas de interpretar as culturas a partir de conceitos como inculturação, multiculturalismo (SEMPRINI, 1997), interculturalidade (FORNET-BETANCOURT, 1994), transculturalidade (WELSCH, 1999) e atualmente cybercultura (LÉVY, 1997). Neste universo cultural pluralista em que vivemos; aprender a respeitar, conviver e dialogar com o diferente é essencial. No entanto, a filosofia encontra um desafio. O desafio é o de escapar do risco de, nas várias leituras que partem da pluralidade de culturas, esquecer-se de olhar para a base comum de todas as culturas. Esta base, que possibilita a unidade, está na constatação de que é o ser humano aquele que produz cultura. Nas palavras do Concílio Vaticano II:

Pela palavra "cultura", em sentido geral, indicam-se todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo; procura submeter a seu poder pelo conhecimento e pelo trabalho o próprio orbe terrestre, torna a vida social mais humana, tanto na família quanto na comunidade civil, pelo progresso dos costumes e das instituições; enfim, exprime, comunica e conserva, em suas obras, no decorrer dos tempos, as grandes experiências espirituais e as aspirações, para que sirvam ao proveito de muitos e ainda de todo gênero humano (CONCÍLIO VATICANO II, 1968).

É a partir deste desafio de pensar os invariantes conceituais presentes em todas as culturas que a obra filosófica do jesuíta Henrique C. de Lima Vaz, SJ é importante. Considerado um dos maiores filósofos do Brasil, Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz SJ, nasceu no Brasil em 24 de agosto de 1921. Entrou para a Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Fez seus estudos filosóficos no antigo escolasticado dos jesuítas no Brasil. Terminado seu curso de filosofia foi enviado a Roma em 1945 para estudar teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Obteve em 1953 o doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana com a tese "*De dialectica et Contemplatione in Platonis Dialogis*", que versou sobre a dialética e a intuição nos

diálogos platônicos da maturidade (LIMA VAZ, 2012). Voltando ao Brasil trabalhou no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos (RIBEIRO, 2012).

Sua síntese filosófica pessoal apoiava-se em três grandes influências: Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Mas, seu autor predileto é, sem dúvida, Tomás de Aquino. Lima Vaz via na obra de Tomás de Aquino, especialmente na sua metafísica, tal profundidade, lucidez e equilíbrio nas questões fundamentais que, ainda hoje, suas intuições são, segundo Lima Vaz, capazes de fecundar a reflexão (LIMA VAZ, 1996 e 1998a). Nesta união fecunda de elementos antigos, como a metafísica de Tomás de Aquino, e perspectivas renovadoras, com ênfase na dialética hegeliana, Lima Vaz colocava-se em busca de uma vida ética, onde fosse possível a realização da humanidade na liberdade, na verdade, na beleza e na justiça.

É iluminado pelo pensamento de Lima Vaz que, neste artigo, abordaremos a problemática da interpretação filosófica da cultura numa tentativa de elucidar, filosoficamente, os invariantes conceituais presentes em todas as culturas, propriamente investigando o conceito de cultura. Primeiramente, perguntando pelas características filosóficas da cultura e sua composição em pluriversos culturais. Depois caminhando em direção a um questionamento sobre a ontologia, o lugar da filosofia e a constituição do *ethos*. Para finalmente apontar caminhos, que se configuram como desafios, a toda interpretação filosófica das culturas.

2. A Cultura: ponto de partida

Para começar uma pergunta: “que fins teriam levado o homem a abandonar o seguro porto da natureza e aventurar-se no mar incerto da cultura?” (LIMA VAZ, 1992a, p.149). Esta pergunta colocada por Lima Vaz nos faz pensar. Entender a criação da cultura será de suma importância para entendermos a própria presença do ser humano no mundo, sua existência, seus desejos, seus interesses, suas normas, interditos e leis, em resumo, entender a vida mesma, assim como nós a vivemos. A

invenção da cultura é o único caminho capaz de assegurar um lugar ao homem na natureza: “a cultura é, para o homem, seu lugar natural na imensa vastidão do universo, e é a partir dela que o homem pode estender sobre todas as coisas seu olhar inteligente e a operosidade do seu fazer” (LIMA VAZ, 1992a, p.149). Assim, a cultura é o lugar do nascimento dos hábitos e costumes que dão ao agir humano constância, direção e significação, e cuja organização histórica e social constitui uma dimensão ética, o *ethos*, essa versão humana da natureza.

O ponto de partida para uma definição de cultura é a distinção entre cultura e natureza. A relação cultura-natureza é uma relação dialética¹. A cultura é a natureza refletida e, conseqüentemente, humanizada. Podemos dizer que se dá a humanização da natureza como satisfação das necessidades humanas. Temos o que poderíamos chamar de uma definição fundamental de cultura: “o cultural é o natural suprassumido² na esfera das necessidades e fins do ser humano” (LIMA VAZ, 1998, p.1). Portanto, o homem não é criador das suas obras a partir do nada, mas produz a partir do que lhe é dado, da natureza. Por isso, o ser humano refletindo sobre si mesmo, autotransformando-se intencionalmente, e recria-se na forma de cultura.

3. Características da cultura

A cultura apresenta uma estrutura dual básica, presente em todas as suas formas, que denominamos como cultura material e cultura simbólica. Na cultura material prevalece o corpo da cultura. Na cultura simbólica prevalece a alma, ou melhor, a significação da obra cultural na qual exerce mais livremente a faculdade

¹ A relação dialética se apresenta como uma relação de articulação, no nosso caso, entre dois conceitos fundamentalmente vinculados. Estes conceitos, cultura e natureza, que num primeiro momento podem ser interpretados como excludentes são, na verdade, interdependentes um do outro para a nossa compreensão do lugar do ser humano no mundo. Sobre o método dialético ver LIMA VAZ, 2002a, p.9-17 e RIBEIRO, 2014, p.63-66.

² Interpretando Hegel, para Lima Vaz o princípio geral da suprassunção (*Aufhebung*) assume a particularidade das categorias na unidade de um discurso. Aqui, concretamente, a natureza é assumida, conservada e transformada pela cultura, daí, a relação dialética natureza - cultura. LIMA VAZ, 2000, p.19.

criadora do ser humano. Ao observarmos as mais diversas culturas percebemos uma pluralidade que podem ser entendidas como unidades históricas, geográficas, etnológicas, axiológicas, etc. Mas, nesta pluralidade, segundo Lima Vaz, “a religião, o *ethos*-costume, a sabedoria de vida se apresentam como formas superiores da cultura simbólica onde se dão às satisfações das necessidades do ser humano como ser de desejo, racional e livre” (LIMA VAZ, 1998, p.1), demonstrando, assim, a primazia da cultura simbólica na relação cultura-natureza.

Aprofundando mais a questão da cultura, ao analisarmos a presença do ser humano no mundo, percebemos que ela vem circunscrita por aspectos físicos, biológicos e culturais. Uma rápida distinção entre estes aspectos nos ajudará a percebermos a especificidade do aspecto cultural na vida humana. Primeiramente a presença do ser humano no mundo é circunscrita pelo espaço físico: a curvatura da terra, os territórios com suas diversidades ecossistêmicas e geográficas de desertos, florestas, mares montanhas, etc. Também, o ser humano está vinculado inexoravelmente pelo espaço biológico que condiciona a vida orgânica do indivíduo e das comunidades à estrutura de um ecossistema favorável à sua sobrevivência e ao seu desenvolvimento. Por fim, e é o que aqui nos interessa, o modo de presença específico do ser humano no mundo é circunscrito pelo seu espaço cultural.

Este espaço cultural é criado pela iniciativa do próprio ser humano, na sua dupla dimensão material e simbólica. Consequentemente, o espaço cultural acaba arrastando no seu dinamismo o espaço físico e o espaço biológico. O espaço físico e o espaço biológico circunscvem o estar-no-mundo do ser humano como ser natural, isto é, “o ser que em nós é natureza como nossa matriz originária, e que nos condiciona irremediavelmente” (LIMA VAZ, 1998, p.2). O espaço cultural circunscve o ser-no-mundo do ser humano, “como natureza refletida e em processo de transformação intencional” (LIMA VAZ, 1998, p.2). Na interpretação de Lima Vaz, o espaço cultural apresenta uma dupla estrutura axiológica e teleológica. (1) Axiológica porque é no espaço cultural que se situam os valores que dão, afinal, o sentido à vida

que é vivida mesmo na sua dimensão física e biológica. (2) Teleológica porque o espaço cultural é um espaço orientado na direção da autorrealização do ser humano. Assim, o espaço cultural está constantemente em expansão, pois a cultura é para a espécie humana seu próprio processo de crescimento vital, enquanto espécie inteligente.

Do que analisamos anteriormente, encontramos, que “o desafio supremo que a natureza coloca diante de nós: dar à nossa vida um conteúdo de valor e orientá-la num sentido que seja em nós a busca da realização do que a mesma natureza deposita em nós como promessa e como tarefa nunca acabada” (LIMA VAZ, 1998, p.2). A resposta do ser humano a este desafio, resposta múltipla, sempre e constantemente recomeçada, penosamente desenvolvida é o que justamente chamamos de cultura. Assim, a cultura implica: (1) Uma consciência da realidade circundante: saberes, técnicas e ações. (2) Uma autoconsciência da nossa situação de seres-no-mundo confrontados ao desafio axiológico e teleológico que a natureza continuamente nos impõe. (3) Uma componente essencialmente histórico-social, pois se o espaço físico e o espaço biológico nos são, pelo menos originariamente, dados pela natureza, o espaço cultural é construído por nós mesmos e tal construção é uma tarefa eminentemente histórica, desempenhada pelos grupos humanos e não pelo indivíduo isolado. Desta forma, a história³, nas suas componentes material e simbólica, não é senão o corpo em crescimento da cultura. Por isso, podemos afirmar que “a categoria de cultura é uma categoria englobante da nossa concepção do ser humano” (LIMA VAZ, 1998, p.2). Quando dizemos que ela é englobante, queremos dizer que ela abrange todos os aspectos do ser humano, estrutural, relacional, histórico e existencial.

³ [▫] A compreensão de história e filosofia da história e o problema da possibilidade de uma interpretação filosófica da história de Lima Vaz foram profundamente influenciados por Hegel. Para Lima Vaz, Hegel é "talvez, o primeiro filósofo a nos oferecer os conceitos e as regras para uma leitura filosófica daquela história que hoje vivemos e que, já no seu tempo, começara a manifestar os traços de uma história efetivamente universa". LIMA VAZ, 1982, p.61-67.

4. Pluriverso cultural

Sabemos que o mundo da cultura é um mundo que se transforma prodigiosamente. Para explicitar isso, Lima Vaz trabalhará com o conceito de pluriverso cultural. Esta questão encontra-se presente em sociedades que atingiram certa escala de grandeza e complexidade na sua estrutura política, em suas organizações sociais e em suas manifestações culturais.

Como o próprio nome indica, pluriverso se opõe a universo. Enquanto o universo goza de uma unidade decorrente de um princípio organizador, pluriverso significa a coexistência de vários universos, cada um com sua identidade relativa própria: “uma sociedade constituindo-se apenas num universo cultural é uma sociedade relativamente simples em termos culturais. Já uma sociedade que abriga um pluriverso cultural é uma sociedade que atingiu um grau elevado de complexidade seja no plano político-organizacional, seja no plano cultural” (LIMA VAZ, 1998, p.6).

Do ponto de vista de uma prática cultural, o relevo é dado ao aspecto histórico social, à sua feição ideológica⁴. Para Lima Vaz, a unidade ideológica será segundo os interesses sociais que movem determinadas práticas. Por exemplo, a “unidade ideológica do universo cultural da profissão não é dada por critérios imanentes à prática profissional, mas por interesses que se manifestam no exercício social da profissão” (LIMA VAZ, 1975, p.5). Do ponto de vista da teoria, que está presente de modo implícito ou explícito, o relevo é dado à sua feição formal, à estrutura interna de representações, ao aparato instrumental material ou lógico, de tal universo cultural. Ora, “não há prática cultural e, portanto, universo cultural, que não apresente dois tipos de unidade, a unidade externa ideológica (na sua relação com a sociedade global)

⁴ Lima Vaz explicita: "A ideologia, como expressão teórica de interesses (e o interesse é sempre particularizante e limitante), opera uma discriminação, uma seleção ou mesmo uma distorção no campo das experiências fundamentais da pessoa. (...) Ela é necessariamente perspectivista (p.40)". "É sempre um fenômeno social. Surge em determinado contexto histórico-social como tomada de consciência coletiva de certos fatores operantes em tal contexto e de certos valores neles presentes. Por outro lado, a ideologia é sempre uma tentativa de racionalização, ou seja, de organização coerente, em tempo de razão, desses fatores e desses valores, de sorte a apresentar uma interpretação, que crê racionalmente válida, do contexto social em questão (p.45)". LIMA VAZ, 1966, p.40-53

e a unidade interna formal” (LIMA VAZ, 1975, p.5). Assim, a unidade ideológica não depende de opções subjetivas do indivíduo, mas da sua inserção objetiva nos campos de interesses em que a sociedade se divide. Ao passo que a unidade formal obedece às exigências objetivas da prática cultural enquanto ordenadas à produção de um determinado objeto da cultura. Nas palavras de Lima Vaz:

Não há, pois, universo cultural que não apresente, de um lado, uma forma de racionalização ideológica, obedecendo a uma lógica dialética de oposição de interesses na sociedade global, e, de outro, uma forma de racionalização formal ou estrutural, obedecendo a uma lógica analítica de ordenação de elementos, subconjuntos e conjuntos de representação e conceitos pertencentes a tal universo cultural. A racionalização formal oferece à prática cultural o conjunto de regras ou métodos que lhe permite circunscrever os limites do seu objeto e definir a relação cultural específica que a liga ao mesmo objeto (LIMA VAZ, 1975, p.6).

5. Os Universos Culturais

Lima Vaz, nos seus escritos, tenta encontrar uma proposta de enumeração dos universos culturais que formariam a nossa cultura contemporânea. Evidentemente sua enumeração não pretende ser exaustiva. O próprio Lima Vaz admite que para isso seria preciso introduzir subuniversos que pudessem explicar mais exaustivamente os universos culturais presentes na cultura contemporânea. A enumeração de Lima Vaz é a seguinte (LIMA VAZ, 1975, p.7): (1) o universo cultural da comunicação, (2) o universo cultural da pesquisa, (3) o universo cultural da profissão, (4) o universo cultural da organização (economia, política e sociedade), (5) o universo cultural do lazer, (6) o universo cultural tradicional (religião, moral tradicional, tradição e costumes populares).

A relação entre os diversos universos culturais acontece segundo as necessidades e as tendências que venham a se manifestarem na sociedade global. Sendo assim, de acordo com as necessidades e tendências é possível definir níveis de interação com certa predominância de um ou outro dos universos culturais. Num primeiro momento podemos fazer três distinções a respeito destes universos culturais.

Primeiramente, temos o nível que poderíamos chamar de interação imediata. Neste nível predominam os universos culturais da comunicação, do lazer e da tradição. Em segundo lugar, temos o nível de interação global onde predominam os universos culturais da profissão e da organização. Por fim, temos o nível de interação profunda, onde predomina o universo cultural da pesquisa. Aqui buscaremos fazer algumas distinções que nos ajudem a esclarecer as diversas interações a que estão submetidos os universos culturais na sociedade contemporânea.

O universo cultural da comunicação apresenta-se como campo de total interação, ou seja, ele, por suas próprias características, se relaciona com todos os outros universos culturais. Já o universo cultural da profissão e o da organização, apresenta-se marcadamente pelo sentido da eficácia e tem em vista os objetivos da sociedade global, adequando para isso as capacidades dos indivíduos da mesma sociedade. Oposto à última interação temos o universo cultural do lazer e o tradicional que é marcado, como não poderia deixar de ser, pelo sentido de espontaneidade e pela busca de atender as aspirações subjetivas dos indivíduos. Por fim, o universo cultural da pesquisa apresenta-se, para Lima Vaz, como “campo fundamental e determinante de interação, segundo a tendência profunda da cultura contemporânea que denominada por (Habermas) processo de cientificação, segundo o qual o universo cultural da pesquisa transforma em objetos todos os outros universos culturais” (LIMA VAZ, 1975, p.7).

No nível de racionalidade formal, temos predominantemente o universo cultural da pesquisa que transforma todo objeto de cultura em objeto de pesquisa, segundo, evidentemente, as normas da metodologia científica. Por outro lado, no nível da racionalidade ideológica, temos os universos culturais da profissão e da organização. Ele trabalha no sentido de fazer corresponder aos interesses dominantes na sociedade global um sistema de cultura (segundo as mediações fundamentais do trabalho e da organização) capaz de legitimar e justificar esses interesses. Interessante

notar que para Lima Vaz não há um campo de interação dominado totalmente pela racionalidade ideológica ou pela racionalidade formal:

A racionalidade formal tende a assumir uma feição ideológica como crítica dos universos culturais existentes, na relação do universo cultural da pesquisa com os outros universos. E a racionalidade ideológica tende a assumir uma feição formal, na relação dos universos culturais da profissão e organização com os outros universos, na forma de um sistema de conceitos e representações adequados aos interesses dominantes na sociedade global (LIMA VAZ, 1975, p.8).

Seguindo as intuições de Lima Vaz, ao analisarmos esta pluralidade de universos culturais com os quais estamos em permanente interrelação e que constituem o mundo da cultura contemporânea e, junto dessa realidade, vemos a impossibilidade de reduzi-los a uma unidade, ideológica ou formal. Unidade essa que nos permitiria falar de um universo de universos. Assim, somos obrigados a admitir que a cultura contemporânea apresenta um aspecto pluriversal na forma de constelações mais ou menos arbitrárias de universos culturais.

6. Ontologia e Cultura

As análises anteriores a respeito da cultura nos levaram a perceber uma multiplicidade de universos culturais⁵ que compõe a nossa sociedade contemporânea. Uma leitura alicerçada nas ciências culturais (antropológica cultural, sociologia cultural, psicologia cultural, etc...) certamente nos levaria, também, a uma pluralidade de culturas, sem, entretanto, explicar a base comum de todas elas⁶, que está na

⁵ Nossa época apresenta uma topografia cultural muito complexa gerando, assim, uma variedade de "imaginários sociais". Como espero ter ficado claro até aqui, nosso trabalho não caminha na direção desta diversidade, mas no sentido de elucidar uma ontologia da cultura. A interessante direção de compreender a diversidade, poderia nos levar a afirmar, como Charles Taylor, que os universos culturais incidem diretamente: "no modo habitual como as pessoas imaginam o seu ambiente social, e isto não se expressa muitas vezes, em termos técnicos, mas apoia-se em imagens, narrativas e lendas. (...) É a compreensão comum que possibilita práticas comuns e um sentido de legitimidade amplamente partilhado". TAYLOR, 2010, p.31.

⁶ Lima Vaz chama esta "base comum" de "invariantes conceituais": "Trata-se da evidência de que a continuidade dos mesmos problemas, dando origem aos mesmos invariantes conceituais em ordem ao

unidade do ser humano como alguém que produz cultura. Aqui, propriamente, faz-se importante uma explicação de ordem filosófica para o fenômeno da cultura. Como dissemos anteriormente, como ser-no-mundo, o ser humano só se realiza por meio do mundo, e ao se realizar humaniza o mundo, isto é, suprassume o natural na esfera das necessidades e dos seus fins, produz cultura. Assim, construir uma ontologia da cultura⁷ será, primeiramente, tematizar as relações entre cultura e filosofia.

Segundo Lima Vaz, a cultura é “a morada que o homem refaz constantemente para tornar possível a sua sobrevivência na terra” (LIMA VAZ, 1997, p.4). Dentre os resultados desse trabalho de construção desta morada⁸ do homem, deste *ethos*⁹, vemos produzir o seu resultado mais excelente, a filosofia. Mas, esse resultado, a filosofia, ao ser produzido, apresenta uma singularidade no seu modo de pensar. Sua singularidade apresenta-se como uma busca incessante em penetrar os mais diversos domínios da cultura, operando “uma inversão na sua intencionalidade espontânea” (LIMA VAZ, 1997, p.3.) e impondo-lhe a “a tarefa de uma autofundamentação reflexiva, a qual, por sua vez, só a própria filosofia pode levar a cabo” (LIMA VAZ, 1997, p.3.). Desta forma, fica fácil percebermos que uma cultura na qual a filosofia se faz presente é, necessariamente, uma cultura obrigada a dar razão de si mesma, isto é, a justificar-se filosoficamente. Assim, dirigindo um olhar atento ao nosso tempo, vemos a pergunta filosófica dirigida a todos os domínios fundamentais de nossa cultura: religião, ética, história, ciências da natureza, ciências humanas, política, artes, etc. Enfim, todos os domínios são como que investigados, num incessante exercício

seu equacionamento e à sua eventual solução, pressupõe uma invariância mais fundamental, qual seja, a da mesma natureza humana, confrontada no longo fluir do tempo com questões e desafios que se dirigem às suas próprias razões de ser e de viver.” LIMA VAZ, 1999, p.82.

⁷ Não é aqui o lugar de discutir toda a ontologia da cultura de Lima Vaz. Este enorme trabalho foi feito no livro *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura* (1997). Neste livro, Lima Vaz constrói sua interpretação a partir de dois focos: uma perspectiva histórica e uma teórica. Na perspectiva histórica, os dois grandes modelos filosóficos de interpretação são os modelos platônico e hegeliano. A perspectiva teórica é a que, em parte, buscamos elucidar neste texto.

⁸ LIMA VAZ, 1988, p.13: "A metáfora da morada e do abrigo indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço humano torna-se habitável para o homem".

⁹ Sobre o *ethos* como morada do homem, ver a explicação de Lima Vaz sobre a fenomenologia do *ethos*: LIMA VAZ, 1988, p.11-35.

reflexivo de colocar em questão e de dar razão, o que constitui, propriamente, a tarefa primordial do modo de pensar que a nossa tradição denominou filosofia¹⁰.

Para Lima Vaz, a inquietante e questionadora presença da filosofia em nossa cultura apresenta-se com uma dupla característica, de necessidade e paradoxo. A necessidade é latente, isto é, “é necessidade de uma busca inquietante pelo ser e pelo sentido” (LIMA VAZ, 1997, p.4). O paradoxo é patente, o “interrogar-se sobre o ser e o sentido significa justamente colocar em questão os fundamentos da cultura, ou seja, os fundamentos dessa morada que o homem penosamente constrói e que deveria ser para ele a extensão do seguro abrigo da natureza” (LIMA VAZ, 1997, p.4). Assim, o paradoxo e a necessidade da filosofia repousam sobre um pressuposto: a filosofia é filha de uma civilização que fez da razão a matriz principal da sua produção simbólica, de uma civilização que deve ser reconhecida como filosófica¹¹.

Como nos ensina Lima Vaz, a aparição da filosofia representa como que uma ruptura na unidade e na harmonia do universo cultural. Por isso, uma das tarefas da filosofia será, primeiramente, a de justificar a sua própria existência e de dar razão do modo de vida daqueles que se consagram à teoria. Assim, a filosofia:

Surge como uma intenção de conhecimento racional ou demonstrativo (*logos apodeiktikos*) voltada para a totalidade do ser, seja no seu princípio (*arqué*), seja na sua grandeza e ordem (*kósmos*); é um saber desinteressado (*theoría*), mas que se declara expressão de um anelo enraizado no âmago da natureza humana; é uma indagação que avança até as últimas fronteiras do campo oferecido à inquisição da razão: indagação em torno do ser (*perí tes ousías*) e, portanto, em torno da verdade (*perí tes aletheías*), como teoria do ser e da verdade a filosofia se propõe, enfim, como fonte da mais elevada felicidade (*eudaimonía*) para o homem (LIMA VAZ, 1997, p.9).

¹⁰ Sobre a concepção de filosofia de Lima Vaz ver RIBEIRO, 2014, p.59-68 e LEOPOLDO, 2003, p.149-158.

¹¹ LIMA VAZ, 1988, p.7: "Tendo sido aparentemente a única civilização conhecida a colocar decididamente a *episthème*, fruto da Razão demonstrativa, no centro do seu universo simbólico, a civilização do Ocidente se vê a braços, há 26 séculos, com o ingente labor teórico de transpor os costumes e as crenças nos códigos discursivos do *logos* epistêmico. Os sistemas teológicos e éticos são, ao longo da história da nossa civilização, o campo desse labor e nele a *philosophia*, invenção tipicamente grega, destinada a pensar o conteúdo das crenças e a normatividade dos costumes, encontra sua matriz conceptual primeira e o espaço teórico dos seus problemas fundamentais".

A filosofia será a instância crítica da cultura ocidental e sua tarefa será a de levar a cabo uma crítica e uma negação das pretensas evidências da opinião e a “recuperação do sentido da realidade natural e da vida à luz da verdade” (LIMA VAZ, 1997, p.9). Desta forma, a relação da filosofia com a cultura apresenta uma estrutura dialética. Esta estrutura tem um movimento que se exerce em três níveis: (1) num nível crítico, onde ocorre a negação da dimensão empírica da cultura; (2) num nível metafísico, onde ocorre a supressão em termos de ideia; e (3) num nível ético, onde ocorre a supressão em termos de norma. Assim, a filosofia será uma “metafísica da cultura, ou seja, uma busca de um modelo ideal que permite reconduzir o disperso mundo dos homens à sua unidade e ao seu verdadeiro” (LIMA VAZ, 1997, p.15). Mas, será também, uma “ética da cultura, enquanto enuncia normas de inteligibilidade do agir e das obras do homem no seu mundo” (LIMA VAZ, 1997, p.15).

7. Cultura e Filosofia

Como analisamos anteriormente, a relação entre cultura e filosofia é como a relação de uma criatura que, em determinado momento, resolve ser maior que seu criador e passa então a criticar e a julgar as regras. Em outras palavras, a filosofia “que é uma obra da cultura na forma de um saber racional, traz em si a intenção de compreender e explicar o todo da realidade e, por conseguinte, a própria cultura da qual procede” (LIMA VAZ, 1997, p.83). Portanto, a filosofia assume a paradoxal tarefa de dar razão da própria cultura e, conseqüentemente, de si mesma, buscando, como ensina Hegel, captar seu tempo no conceito (LABARRIÉRRE, 1992, p.15).

Segundo Lima Vaz, pensar a cultura significa para a filosofia: (1) Examinar na sua solidez as pedras angulares do edifício da cultura, os conceitos ontológicos primeiros que tornam possível toda a atividade espiritual, isto é, cultural, do ser humano: o ser e a essência, a verdade, o bem, o belo, os valores, os fins. (2) Definir segundo o seu estatuto ontológico, as condições de exercício dos artífices dessa construção, a razão e a liberdade. Portanto, a estrutura geral da relação entre cultura e

filosofia apresenta-se numa forma nitidamente dialética, pois nela cultura e filosofia invertem, no movimento do conceito, o papel do termo fundante da relação.

Do que foi exposto acima acerca da relação entre filosofia e cultura, concluímos que a primeira e fundamental tarefa da filosofia é uma tarefa crítica. A filosofia busca a justificação e legitimação, busca dar razões acerca do seu objeto de reflexão, aqui propriamente a cultura. Mas, no caso específico da cultura podemos perceber claramente uma tensão dialética, a saber, “a filosofia é o resultado da cultura que deve refletir criticamente sobre a própria cultura” (LIMA VAZ, 1997, p.88). A pretensão da filosofia não poderia ser outra a não ser a de julgar o próprio ser da cultura. Pretensão, de resto, criticada por algumas ciências empíricas, por legitimamente concluírem que “cada paradigma cultural apresenta sempre uma estrutura em processo incessante de autodiferenciação” (LIMA VAZ, 1997, p.89). Por isso, segundo algumas ciências empíricas, esses paradigmas não podem ser elevados a um conceito unificador dado a relatividade de paradigmas culturais na pluralidade das culturas históricas.

Para nós, que buscamos trilhar os caminhos indicados por Lima Vaz, o problema de uma reflexão filosófica sobre a cultura, toca num dos problemas mais antigos da filosofia que é o problema do uno e do múltiplo. A pergunta que aqui deveríamos fazer, para termos elementos com os quais construiremos uma filosofia da cultura é “qual a categoria principal que permite pensar a unidade da cultura na multiplicidade de suas formas?” (LIMA VAZ, 1997, p.89). Foram dadas, ao longo da história da filosofia, muitas respostas a esta questão. Lima Vaz vai nos acenar que, fundamentalmente, a “unidade da cultura está no seu criador” (LIMA VAZ, 1997, p.89), no próprio ser humano. Ora, toda ontologia da cultura é um desdobramento da ontologia do homem, da antropologia filosófica. É no humano, como elo de ligação entre todas as culturas, que vamos encontrar o ponto de ligação que nos permitirá falar da cultura enquanto elemento da criação humana, no mundo, com os outros. E é na reflexão, propriamente filosófica, acerca do humano que cria constantemente sua

cultura, que vamos encontrar elementos para uma reflexão crítica, de justificação, julgamento e legitimação das culturas e suas obras culturais.

Neste nosso intento de compreendermos a cultura, a partir do viés filosófico, a pergunta que nos convoca a reflexão, neste momento é “qual a natureza da unidade da cultura pensada numa conceptualidade filosófica e que afirmamos subjacente à multiplicidade empírica das culturas?” (LIMA VAZ, 1997, p.90). Ora, esta unidade não poderia ser outra, senão, uma unidade analógica: “a unidade é uma unidade na diferença (por isso mesmo analógica) que permite ao homem realizar-se na pluralidade das culturas históricas” (LIMA VAZ, 1997, p.91). Ora, entre ontologia da cultura e ontologia do humano, como acenamos, a unidade da cultura é conceitualmente assegurada pelas categorias de estrutura¹² e relação¹³ estabelecidas pela antropologia filosófica e, articuladas discursivamente pelo movimento dialético de autoexpressão do sujeito¹⁴, ou seja, do "ser humano enquanto capaz de significar-se a si mesmo ou do ser humano enquanto expressividade" (NOBRE, 2000, p.36.). Será justamente o caráter analógico da unidade da cultura que dará origem ao problema das esferas da cultura, dos universos culturais que analisamos anteriormente.

Para tentarmos esclarecer mais nosso discurso é importante dizer que a unidade analógica da cultura, na qual acenamos acima, deve ser pensada segundo a

¹² Segundo Lima Vaz, na sua Antropologia Filosófica as estruturas fundamentais do ser humano, as categorias de estrutura são três: (1) Categoria de Corpo próprio enquanto dimensão constitutiva do ser do homem e que não pode ser entendida apenas como uma entidade físico-biológica; (2) Categoria de Psiquismo que aparece situada como uma posição mediadora entre o corporal e o espiritual ; (3) Categoria de Espírito, onde atingimos a ápice do ser humano, onde o ser-do-homem se abre necessariamente para a transcendência, numa abertura propriamente transcendental, isto é, numa abertura para o Outro absoluto. LIMA VAZ, 1991, p.173-238.

¹³ Aqui, temos as relações fundamentais do ser humano, as categorias de relação. Estas categorias são: (1) Categoria de Objetividade, utilizada para designar o primeiro tipo de relação do homem com a realidade que lhe é exterior; (2) Categoria de Intersubjetividade, designa as relações que os seres humanos têm entre si; (3) Categoria de Transcendência, que tematiza a relação de abertura radical do ser humano para a Transcendência. LIMA VAZ, 1992, p.7-138.

¹⁴ Para compreender o ser humano em sua totalidade é preciso sempre ter em mente que: "a pessoa é uma tensão e um florescimento, um ir e vir, um modelar-se de acordo com e um afirmar-se em, um efeito e uma originalidade, um exemplo do e um exemplar, é acabada, mas está sempre por fazer-se". LIMA VAZ, 1992, p.239.

analogia de atribuição, ou seja, ordenada para um foco primeiro de inteligibilidade. Com analogia queremos designar uma proporção entre duas ou mais realidades, por exemplo, coisa ou conceitos, em virtude da qual aplicamos a elas os mesmos conceitos. Já, por analogia de atribuição, entendemos quando um conceito se diz de um ser por referência a outro do qual depende (analogado principal ® analogado secundário). O problema será então o da determinação deste foco de inteligibilidade, que nos remete, novamente, ao “problema da primazia da teoria ou da práxis” (LIMA VAZ, 1997, p.92). Problema que, na cultura clássica encontrará a sua solução dando primazia à teoria. E na modernidade, na vida prática e poética, onde facilmente percebemos como polos unificadores da modernidade a sociedade e economia, ou a política e trabalho.

Por fim, ao buscarmos entender a cultura, a partir do viés filosófico, percebemos como elemento de unidade das várias manifestações culturais o próprio ser humano. Desta forma, uma ontologia da cultura terá necessariamente que partir de uma ontologia do homem. E, para Lima Vaz, ao colocarmos em “evidência no ser da cultura a dimensão da autoexpressão e realização do homem, a filosofia descobre o caráter normativo que lhe é inerente. A ontologia prolonga-se necessariamente numa ética da cultura” (LIMA VAZ, 1997, p.93).

8. Cultura e *Ethos*

Ao refletirmos acerca dos elementos ontológicos da cultura, tornou-se cada vez mais claro que as definições, por assim dizer, puramente descritivas da cultura são insuficientes para traduzir, na sua complexidade a “originalidade da visão de mundo e da ideia de homem subjacentes à diversidade histórica de culturas” (LIMA VAZ, 1988, p.40). Por isso, é necessário partirmos em busca de uma ontologia da cultura. Ao refletirmos ontologicamente sobre a cultura, percebemos que a “normatividade da cultura é tão evidente quanto a sua própria existência, pois é claro que o homem cria o mundo da cultura tendo em vista o seu próprio bem” (LIMA VAZ, 1997, p.93), ou seja,

o melhor. Segundo Lima Vaz, só podemos concluir que a cultura é inseparável do *ethos*. A cultura – toda cultura – é constitutivamente ética. Ética e cultura são dois conceitos co-extensivos, pois todas as obras da cultura encontram seu lugar, seu espaço, no próprio espaço do *ethos*, que é o espaço da morada do homem. Assim, ao afirmar que o *ethos* é co-extensivo à cultura, Lima Vaz quer afirmar a natureza essencialmente axiogênica (geradora de valores) da ação humana, seja como agir propriamente dito, isto é, práxis, seja como fazer, *poíesis*.

Aqui poderíamos nos perguntar: é verdade que toda e qualquer cultura é constitutivamente ética? Ora, o pressuposto colocado por Lima Vaz de que existe uma identidade ou co-extensão entre *ethos* e cultura se coloca da seguinte maneira: (1) Sendo o *ethos* o modo especificamente humano, inseparavelmente individual e social, de existir no mundo; (2) sendo que a cultura não é mais que a criação de um mundo propriamente humano, tanto pela produção material de bens que garantam a sobrevivência dos grupos humanos, como pela produção de obras que atestam o empenho dos grupos humanos na luta pelo sentido a ser dado à sua existência. (3) Então, o pressuposto se verifica, porque as formas mais elementares do que veio a ser a ética como ciência do *ethos*, não são mais do que transcrições racionais, sob a forma de código de conduta, do *ethos* vivido pelas comunidades ao longo de suas histórias (LIMA VAZ, 2011, p.153-171).

A cultura, nos ensina Lima Vaz, apresenta-se constituída estruturalmente de duas faces, uma objetiva e outra subjetiva. Na sua face subjetiva a cultura é essencialmente axiogênica, “geratriz de valor como qualidade inerente à ação humana” (LIMA VAZ, 1997, p.127). Por outro lado, na sua face objetiva ela é essencialmente axiológica, “pois a obra humana é sempre portadora e significativa de algum valor” (LIMA VAZ, 1997, p.127). O ser humano, ao construir sua morada, ou seja, seu mundo da cultura como um mundo propriamente humano, exerce a sua prática e constrói as suas obras, empenhando-se, na luta pelo sentido a ser, continuamente, dado à sua existência, no mundo, com os outros. De maneira que, “pela cultura, o

homem assegura a subsistência, permanência e expansão do seu ser no âmbito da natureza, sendo essas as tarefas da cultura material, por ela e nela cria as representações e estabelece normas e fins que exprimem a compreensão do mundo e de si mesmo e apontam a direção do seu dever-ser no movimento da história, desdobrando-se no espaço infinitamente mais vasto da cultura simbólica” (LIMA VAZ, 1997, p.127). E é aqui, nesta dimensão simbólica, ou seja, de luta pelo sentido, que o *ethos* se revela como a alma de uma cultura viva.

9. Conclusão: quais caminhos?

Pela reflexão que conduzimos até aqui, a respeito da cultura, concluímos que a tematização de uma ética da cultura, só poderá ser executada por uma civilização que inventou a filosofia, que buscou e busca a sua autoexplicação e autojustificação¹⁵. Desta forma, desde o momento em que determinada cultura coloca no centro de seu campo simbólico a razão, com sua exigência de universalidade, os limites do *ethos* tradicional tornam-se estreitos. A única saída será a instauração, levada a cabo pela filosofia, de um *ethos* demonstrativo racional. Este *ethos* demonstrativo racional irá abranger todas as formas de cultura, donde teremos, assim, o nascimento da ética (LIMA VAZ, 2011, p.131-140). Daí a intrínseca unidade entre ontologia da cultura e ética da cultura que terá seu fundamento numa antropologia filosófica, e terá como núcleo conceitual comum à categoria antropológica de pessoa (OLIVEIRA, 2013, p. 141-280).

Para Lima Vaz, a categoria antropológica de pessoa é o princípio e fim do discurso filosófico sobre o homem. Esta categoria exprime primeiramente o *em-si* do ser humano como singularidade absoluta e como subsistência e independência com

¹⁵ Importante lembrar aqui que para Lima Vaz a nossa cultura ocidental, cada vez mais globalizada, é impelida por um gigantesco dinamismo de progresso material jamais visto pela humanidade. Mas, no seu designo e no seu operar universalizante permanece, ainda, uma cultura que deve questionar-se constantemente pelo lugar da visada ética em seu horizonte. Sem isso, corre o risco de ver o diagnóstico de Bergson realizado, a saber, a da falta de uma alma ética para este imenso corpo material (objetos técnicos). LIMA VAZ, 1997, p.115

relação a qualquer outra realidade. Nesse sentido, a pessoa pode ser dita um fim em si mesma na ordem dos fins que se apresentam no círculo da finitude, não podendo ser ordenada essencialmente a nenhum deles. Em segundo lugar, a categoria de pessoa exprime a natureza constitutiva do ser humano como automanifestação, como criador de todas as formas da sua manifestação. Assim, concluímos que “a ética da cultura propõe-se como uma ética da pessoa modelada culturalmente” (LIMA VAZ, 1997, p.94). Uma ética da cultura deverá, segundo Lima Vaz, aprofundar de forma sistemática a reflexão sobre o dever-ser inerente à atividade do ser humano como ser produtor de cultura.

Portanto, é esse produtor de cultura que deverá enfrentar a desafio de compreender as imensas e profundas transformações culturais (LIMA VAZ, 2002, p.269-280), seja na sua dimensão material, seja na sua dimensão simbólica. Transformações alicerçadas pelas incessantes e crescentes mudanças ocasionadas por um mundo que passa a ser, cada vez mais, circunscrito por objetos que são frutos do fazer técnico e que representam, em sua significação mais profunda, a própria finitude e indigência humana. Ora, neste cenário permanece a pergunta: "Que forma de existir irá saciar a fome de ser que se eleva das camadas mais profundas do espírito humano no seu élan incoercível para as expressões mais altas da inteligência e do amor?" (LIMA VAZ, 2002, p.269-266).

Bibliografia

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*, n.53. Petrópolis, Vozes, 1968.

FORNET-BETANCOURT, R. *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*. London: Hutchinson, 1975.

GOLDBERG, D. (ed.). *Multiculturalism: a critical reader*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABARRIÉRRE, P.J. O filósofo na cidade: não melhor que teu tempo, mas teu tempo do melhor modo. *Revista Síntese*, Belo Horizonte, n.56, 1992.

LEOPOLDO, F. Notas para um estudo dos procedimentos metódicos em Lima Vaz: singularidade e transcendência na apreensão das ideias filosóficas. *Revista Síntese*, Belo Horizonte, n.97, 2003.

LÉVY, P. *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997.

LIMA VAZ, H.C. Ideologia e verdade. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, v.60, 1966.

LIMA VAZ, H.C. A universidade na cultura contemporânea. *Revista Síntese*, Belo Horizonte, n.4, 1975.

LIMA VAZ, H.C. Por que ler Hegel hoje?. *Boletim SEAF*, Belo Horizonte, n.1, 1982.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia I: Problemas de fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.

LIMA VAZ, H.C. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.

LIMA VAZ, H.C. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA VAZ, H.C. A cultura e seus fins. *Revista Síntese*, Belo Horizonte, n.67, 1992a.

LIMA VAZ, H.C. Tomás de Aquino: pensar a metafísica na aurora de um novo século. *Revista Síntese*, Belo Horizonte, n.73, 1996.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.

LIMA VAZ, H.C. Cultura e cristianismo. Centro Loyola de Fé e Cultura de Belo Horizonte, 1998.

LIMA VAZ, H.C. Presença de Santo Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI. *Revista Síntese*, Belo Horizonte, n.80, 1998a.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA VAZ, H.C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

- LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e história*. São Paulo: Loyola, 2001 (2.edição). LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIMA VAZ, H.C. Método e dialética, in: BRITO, E. - CHANG, L (orgs.) *Filosofia e Método*. São Paulo: Loyola, 2002a.
- LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VIII: Platonia*. São Paulo: Loyola, 2011.
- LIMA VAZ, H.C. *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*. São Paulo: Loyola, 2012.
- NOBRE, M. - REGO, J.M. (org.). *Conversa com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- OLIVEIRA, C. M. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo* (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo: Loyola, 2013.
- RIBEIRO, E.V. P. Henrique Cláudio de Lima Vaz S.I. - Uma vita al servizio del pensiero. *La Civiltà Cattolica*. Roma, q.3900, 15 dicembre 2012.
- RIBEIRO, E.V. Filosofia para pensar e viver. *Cultura e Fé: Revista de Humanidades*, n.144, Janeiro - Março 2014.
- SEMPRINI, A. *Le multiculturalisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- TAYLOR, CH. *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- TAYLOR, CH. *Imaginários Sociais Modernos*. Lisboa: Ed. Texto e Grafia, 2010.
- WELSCH, W. *Spaces of culture: city, nations, world*. London: Sage, 1999.

Doutor em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma
Professor de Filosofia (FAJE)
E-mail: eltonvitoriano@gmail.com